

Prezad@s leitor@s,

O avanço tecnológico tem implicado não só modificações na dinâmica social, como favorecido o surgimento de novos gêneros, que exigem a compreensão de diferentes linguagens e de distintas semioses. A escola não está alheia a esse contexto, por isso suas práticas e conteúdos têm sido (re)significados em função das demandas de uma sociedade cada vez mais digital. Desta forma, a **Revista Trama** objetiva contribuir com reflexões que articulam práticas de ensino e era digital.

Abrindo a edição, Carlos Eduardo Gomes Nascimento, em **“Mídias digitais para pensar o passado e narrar a história dos afrodescendentes da Bahia: um e-book sobre Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental”**, compartilha o desenvolvimento de um projeto sustentado nas potencialidades das mídias digitais como ferramentas educativas. Tendo como mote a preservação da história de afrodescendentes na Bahia, a prática pedagógica culminou com o lançamento do e-book **“#Serlivre: Maria Felipa de Oliveira no século XXI”**, produzido por alunos do Ensino Fundamental I.

Em **“Literatura midiática: livro trailer de Triste fim de Policarpo Quaresma”**, Caroline de Moraes apresenta a Série Livro Trailer, disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná, e analisa como se dá a adaptação do clássico **“Triste fim de Policarpo Quaresma”**, de Lima Barreto, ao formato de animação fílmica. A autora avalia que a transposição de obras literárias para o formato de literatura midiática traz contribuições à formação do sujeito leitor.

A partir da ótica dos multiletramentos, Viviane Peres de Jesus Lino e Josias Pereira abordam a produção de vídeos no contexto escolar. Em **“Produção de vídeo na escola: práticas de multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem”**, são descritas e debatidas as etapas de uma sequência didática de Língua Portuguesa, aplicada junto a uma turma do Ensino Médio, cuja tarefa final consiste na produção de vídeos problematizando **“o que não é (ou o que não deve ser) normal na sociedade”**.

Também abordando o tema dos multiletramentos, em **“Os multiletramentos e os gêneros discursivos: ser letrado em ambientes digitais na modernidade tardia”**, Fernando Arthur Gregol e Terezinha da Conceição Costa-Hübes observam como aprendizes de língua inglesa, de um programa institucional de ensino de línguas, mobilizam recursos de natureza multissemiótica e multimodal em uma tarefa de produção textual. À luz do método sociológico do Círculo de Bakhtin, os autores consideram a impossibilidade de se apartar recursos dessas naturezas das categorias desenvolvidas por Bakhtin para a análise dos gêneros discursivos.

Alex Alves Egido apresenta, em **“Leitura crítica e letramento crítico em Língua Inglesa respaldada nas novas tecnologias”**, uma proposta didática sustentada na articulação entre os campos teóricos da Leitura Crítica, do Letramento Crítico e do Letramento Digital. O autor socializa a proposta e esclarece os aspectos didáticos e contextuais que a norteiam. Além disso, também são expostos ajustes nela realizados após a aplicação de um piloto junto a um grupo de alunos de conversação em Língua Inglesa.

O artigo de Gabriela Marçal Nunes e Juliana Cristina Faggion Bergmann dá continuidade às reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras a partir de ferramentas tecnológicas. Considerando a difusão das tecnologias móveis e sua crescente utilização em sala de aula, no texto **“Elaboração de critérios de análise para aplicativos de línguas estrangeiras como recursos didáticos ao ensino formal”**, as pesquisadoras se propõem a auxiliar professores na escolha de aplicativos adequados ao ensino. Para tanto, baseando-se em documentos, como o Marco Comum Europeu de Referência para Línguas Estrangeiras, traçam critérios no intuito de nortear a seleção.

No artigo **“Objetos digitais de aprendizagem enquanto gênero do discurso”**, Julia Cristina Granetto Moreira ancora-se na perspectiva de Bakhtin e de autores que discutem objetos digitais, como Willey e Roncarelli, para analisar e conceituar objetos digitais de aprendizagem como gêneros discursivos, bem como para refletir sobre sua função na esfera digital.

Respaldados pelo aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, Pamera Francieli Corrêa Pereira e João Carlos Cattelan, no texto **“EAD: um caminho sem volta”**, lançam olhar sobre o ensino a distância e o imbricamento entre sujeito e condições de produção no espaço virtual. Fazendo alusão ao título do trabalho, os autores consideram que a educação a distância possui bases sólidas, que lhe permitem permanecer e ressignificar aquilo que se entende por aprender.

Na sequência, em **“Tecnologias para o ensino e a aprendizagem de libras: onde estão os recursos educacionais abertos”**, Alan Ricardo da Costa investiga a presença de Recursos Educacionais Abertos para o ensino de Libras em repositórios e websites brasileiros. Os dados apresentados pelo autor alertam para o reduzido número de materiais para a aprendizagem de Libras, além de baixa divulgação.

Encerrando a edição, no texto **“Educação a distância e os desafios para a elaboração de material didático de língua portuguesa como L2 para graduandos surdos”**, Fernanda Beatriz Caricari de Moraes e Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz debatem a proposição de uma unidade didática de Língua Portuguesa escrita para estudantes surdos de um curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado na modalidade de Educação a distância.

Desejamos a tod@s uma boa leitura!

Profa. Dra. Juliana de Sá França - *Editora Científica de Número*
Profa. Dra. Luciane Thomé Schröder - *Editora Científica Geral*

Marechal Cândido Rondon, junho de 2019.